



SOCIEDADE JAUENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS
Rua Lourenço Prado, 508 centro - cep 17201-000
Jau - S.P. - cnpj 05.427.831/0001-68
Utilidade Pública Municip. Lei nº 3.820 de 17/11/03
e-mail: sjee@ig

O MAGNETISMO ANIMAL

SEUS PRECURSORES E FENÔMENOS CORRELATOS



Hippolyte Leon Denizard Rivail
Allan Kardec
03 de outubro de 1804 – 31 de março de 1869

Apêndice do Curso de Passes da Sociedade Jauense de Estudos Espíritas
– 2004 –

PRECURSORES DO MAGNETISMO ANIMAL

Desde antes da Antiguidade Clássica, conhece o homem encarnado a energia que emana e permeia os seres vivos; cada cultura a ela se referiu por termos próprios (ki ou chi no Japão, por exemplo) e a utilizou por métodos particulares, quase sempre incorrendo a utilização das mãos para a interação desta energia entre doadores – aqueles que doavam as energias – e receptores – aqueles que recebiam as energias. Diante do conhecimento recebido da Doutrina Espírita, torna-se fácil imaginar que por meios mediúnicos diretos ou indiretos, tal método terapêutico foi revelado n'alguma comunidade ancestral, talvez do oriente próximo, espalhando-se com as migrações para as outras regiões do globo.



Apesar do que há acerca disto nas culturas orientais, não é deste que iremos tratar aqui, mas da tradição histórica ocidental acerca do conhecimento e emprego desta energia. Para agilizar os estudos, torna-se confortável salientar o contexto de um tempo pela figura mais eminente que nele havia. Desta forma, pode-se destacar inicialmente o vulto de **Agrippa** (Heinrich Cornelius Agrippa Von Nettesheim. Encarnou em Colônia em 1486 e desencarnou em Grenoble em 1535). Era médico, filósofo, alquimista e cabalista cristão. Descendente de nobre família alemã de Nettesheim, Agrippa tornou-se doutor em Leis e Física; escreveu o livro *Filosofia das Artes Ocultas*, obra em três volumes, que o pôs na mira da Santa

Inquisição. Seus conceitos refletiam certas idéias dos filósofos da época, como a crença de que os elementos constitutivos do universo possuíam uma alma ou espírito. Também acreditava na relação e dependência de tais elementos: “*O mundo é triplo, isto é, elementar, sideral e espiritual. Tudo que está mais básico é governado pelo que está mais alto e recebe daí a sua força. Assim, o arquiteto do Universo deixa o poder de sua onipotência fluir através do mineral, das plantas, dos animais e, daí para o homem...*”.

Em seguida, podemos encontrar historicamente aquele que tornou-se o detentor direto de seu legado, o afamado Paracelso (do grego *Para*, acima, além + *Celso* – *Aulus Cornelius Celsus*, médico e erudito grego (30 a.C. – 38 d.C.); escreveu *De Arte Médica*, quadro preciso da medicina antiga e daquela praticada em seu tempo). **Paracelso** ou Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus Von Hohenheim encarnou em Einsiedeln em 1493 e desencarnou em Salzburgo em 1541. Alquimista suíço. Coursou a Universidade da Basileia e após partiu em viagem de 20 anos pela Europa e Ásia. Teria estudado ciências herméticas com Johanes Trithemius, teólogo e ocultista alemão e tido aulas com Slomon Trismosin, alquimista autor da obra *Splendor*



Sollis. Segundo Jean Baptiste Van Helmont, Paracelso teria sido iniciado nos segredos herméticos e alquímicos por um colégio de sábios de Constantinopla. Ele é mais lembrado hoje por ser o precursor da moderna quimioterapia, mais do que por seus estudos do magnetismo humano. Contudo, sua importância nesse sentido é incontestável, haja visto ter sido ele o formulador do vocábulo magnetismo. Para Paracelso, o magnetismo é a vida universal – tudo estaria vivo em graus diferentes e esta vida (magnetismo) presente em rochas, animais e plantas poderia ser transferida para o homem. Assim como seus contemporâneos, ele via o homem como “*imãs animados*”, e sua terapêutica compreendia o corpo humano como microcosmo refletindo o macrocosmo – o homem como espelho da totalidade. Para ele a ciência tinha a impostergável missão de libertar o homem dos males que o afligem.



Embora figuras-chave em seu tempo, Agrippa e Paracelso, não foram os únicos a se dedicar ao estudo do magnetismo animal, mas certamente os que mais se destacaram, tanto pelo volume de seu intelecto quanto pelas obras que deixaram. Homem semelhante surgiria apenas trezentos anos mais tarde, e este foi **Franz Anton Mesmer**, encarnado em Iznang, Sonabe em 1734 e desencarnado em Meersburg em 1815. Médico alemão, após mudar-se para Paris, ainda jovem redescobriu o magnetismo animal e adotou-o como remédio para todas as enfermidades. Seus pacientes eram, via de regra, mulheres neuróticas, algumas desequilibradas mentais e outras obsedadas; o tratamento fazia os pacientes caírem em convulsões acompanhadas de gritos, lágrimas, soluços e gargalhadas descontroladas, seguidas de prostração e estupor. Essas crises nervosas, desencadeadas pelos métodos pouco ortodoxos de Mesmer, levavam a cura. O mesmerismo

correspondeu de imediato às idéias racionais do iluminismo francês da época, de tal conta que não era incomum referirem-se a ele como a “*epidemia que ganhou toda a França*”. O mesmerismo era discutido nas academias, salões e cafés, era investigado pela polícia, protegido pela rainha, ridicularizado no palco, satirizado em canções e caricaturas, praticado em sociedades secretas e divulgado em livros e folhetos. Apesar desta enorme popularidade, Mesmer escreveu: “*O magnetismo ocupa todas as mentes. As pessoas estão aturdidas com seus prodígios, e se se permite ainda duvidar dos efeitos, não se ousa negar pelo menos a sua existência. O grande objeto das conversas da capital é sempre o magnetismo animal*”. Mesmer sintetizou sua teoria do magnetismo animal em 27 proposições que publicou no final de sua obra *Memoire sur la Découverte du Magnétisme Animal* (Genebra, 1779), e as principais dentre elas podem ser assim resumidas: Há uma influência entre os corpos e os seres existentes; o meio pelo qual essa influência se propaga é um fluido universal sutil, contínuo e presente em toda criação; esse fluido sensibiliza a substância de que é composto os nervos do corpo físico afetando-o de imediato; o corpo do homem apresenta, à semelhança do ímã, pólos opostos que podem ser manipulados direta e/ou indiretamente por esse fluido, cabendo-lhe portanto o termo de magnetismo animal;

essa descoberta pode esclarecer e auxiliar nos estudos das ciências físicas como também causar a cura imediata de uma infinidade de doenças.

Mesmer possuía um discípulo que foi além nas experimentações e descobriu uma nova espécie de mesmerismo, este foi o **Marques de Puységur**, ou A. M. J. Castenet, encarnado em Paris em 1751 e desencarnado em Buzancy em 1825. Pesquisador de fenômenos psíquicos, militar e filantropo, apaixonou-se pelas teorias do fluido magnético de Mesmer, descobrindo o que denominou Sonambulismo Magnético (ou Sonambulismo Mesmérico), o que veio a ser conhecido mais tarde como Hipnose. Puységur seria o primeiro a reconhecer, durante o sonho hipnótico, autênticos fenômenos supra-normais, tais como a telepatia, a autoscopia, o diagnóstico e a prescrição de uma terapêutica em estado sonambúlico e a comunicação com espíritos.



Quando a Revolução Francesa tomou a Europa, o mesmerismo foi quase esquecido e o frenesi das últimas décadas do século XVIII apagou-se quase por completo. Nas primeiras décadas do século XIX, contava ainda o magnetismo animal com praticantes, estudiosos e centenas de obras publicadas que esmiuçavam os fenômenos e as curas cada vez mais extraordinárias que se operavam. Não tardou, contudo, para que os detratores lançassem um contra-ataque que pôs em xeque a própria crença em sua existência. O **Barão Du Potet** – devido a pouca documentação disponível crê-se ter encarnado na França no ano de 1796 – então, em colaboração com médicos de destaque operou curas maravilhosas em duas ocasiões, o que trouxe nova luz ao magnetismo animal. Estas apresentações despertaram o interesse de médicos ilustres, entre eles o famoso, à época, Dr. Foissac que solicitou, em 1826, a Faculdade de Medicina da França, novos exames dos fenômenos. Junto de outros ilustres facultativos, formou-se uma comissão cujo relatório conclusivo só foi entregue a Faculdade em 1831, ou seja, cinco anos de muitos estudos após.



O Dr. Foissac escreveu de forma concludente no relatório: *“Considerando o magnetismo como agente de fenômenos fisiológicos ou como elemento terapêutico, é nossa opinião que deveria entrar no quadro do ensino da medicina e ser empregado, exclusivamente, por médicos ou, sob sua orientação, por especialistas comprovados.”* De forma que esta opinião se encontrava contrária as convicções pré-concebidas da direção da Faculdade de Medicina, este lhes mandou em prepotente resposta: *“Não duvidamos da boa fé dos comissionados; contudo cremos que foram vítimas de várias habilidades...”*. Tal reação gerou descrédito na Faculdade de Medicina da França e na

Academia de Ciências de Paris, que comungava com tal opinião acerca do magnetismo animal.

Du Potet, contudo, não deixou-se intimidar e juntamente com médicos ilustres que acreditavam no magnetismo animal, prosseguiu com os experimentos e curas. Ao tomar posse do Instituto de Cultura de Paris, ele proferiu entusiástico discurso onde se podem destacar os seguintes trechos: “(...) *Todos vós recordais, certamente, da grande querela que se promoveu em 1778, quando Mesmer chegou a Paris e enunciou ao mundo o seu sistema. A maior parte dos sábios da época tomou parte no litígio; as Academias de Ciências e de Medicina receberam o encargo de examinar o que Mesmer pretendia ter descoberto e de informar ao governo e ao mundo sobre as aplicações do mesmerismo ao tratamento das doenças: Bailly, Lavoisier, Franklin, Jusieu e outros sábios ilustres tomaram, a seu cargo, esta missão; e a que resultado chegaram? Vós conheceis, senhores, o juízo que esta comissão emitiu sobre o magnetismo animal. Examinou primeiro o sistema de Mesmer, em todos os seus detalhes, e achando-o pouco sólido, argumentou contra ele. Esses argumentos ficaram, porém, sem réplica e, desde então o sistema de Mesmer se foi desmoronando pouco a pouco.*(...) *Com o tempo, tornou, porém, a reaparecer a verdade entre nós e a França viu-se, pela segunda vez agitada de norte a sul pelo magnetismo animal. Por essa altura – é certo – o entusiasmo não foi tamanho; mas foi, em compensação, muito mais ponderado e científico. (...) Apesar de tudo isso, a maioria dos sábios, certamente receando as condenações do passado, permaneceram indiferentes à eloqüência dos fatos. Atidos a opinião dos seus antepassados, limitaram-se a servir-se dela como de um escudo de aço e procederam assim porque se tratava de uma arma forjada por homens notáveis, por homens de reputação verdadeiramente universal. Mas, senhores, que pode a autoridade dos homens contra a realidade dos fatos? (...) Eu não duvido, senhores, que vós acolheríeis a verdade logo que ela se vos apresente claramente demonstrada; (...) Vou explicar-me com maior clareza: se os numerosos fenômenos de que fui investigador e testemunha durante longo tempo não me enganaram, eles devem proporcionar a prova incontroversa de que o nosso cérebro pode dispor de uma força que ainda não foi dimensionada e que, dirigida pela vontade sobre um individuo organizado como nós, pode produzir na sua organização fenômenos que não se manifestam senão quando a causa se põe em jogo e cessam tão depressa como ela deixa de agir.*(...) *Se justifico o que afirmo e vós comprovais o que demonstro, abriremos um novo caminho aos observadores e acharemos explicação natural de numerosos fenômenos que já não se podem negar, mas que se consideram, não se sabe porque, como produto de causas inteiramente acidentais.*(...) *Este exame não exige de vós, senhores, nem o abandono de vossas crenças, nem a renúncia de nenhuma de vossas opiniões nem o sacrifício da vossa razão; não exige outra coisa que não seja um migalinho de tempo e um pouco de boa-vontade. Podereis recusar-me o que vos peço?*”

O convite do Barão Du Potet dividiu a opinião dos acadêmicos gerando uma das maiores discussões científicas de que se tem registro no século XIX. Amainados os ânimos, uma erudita comissão investigadora foi formada, dando origem a um relatório admirável que alicerçava cientificamente o magnetismo animal e, certamente por isto foi, talvez criminosamente, mantido secreto. Três meses de espera mais tarde, o Barão fatigou-se e foi atender aos inumeráveis pedidos para lecionar em diversas cidades francesas.

Ainda na primeira metade do século XIX, muitos foram os pesquisadores que deram continuidade ao legado de Du Potet e seus predecessores; estudiosos como Aubin Gauthier, Dr. J. W. Teste, La Fontaine, Alphonse Cahagnet – este ultimo, de cuja obra intitulada

Magia Magnética encontra-se o seguinte: “Escolher uma nuvem bem isolada das outras, antes perpendicular do que oblíqua ao operador, e de diâmetro de um a dois metros. Coloca-se contra a direção que segue ou acioná-la neste sentido. Fixar esta nuvem, juntar as mãos com as pontas dos dedos voltadas para o centro ou seus limites, conforme o ponto que se quer atacá-la. Concentrar fortemente o pensamento sobre esta ação, desejando dissolver a nuvem, dividi-la, fazê-la dispersar-se. Fazer essa experiência em pleno campo e não em lugar próximo a edifícios. Três ou cinco minutos bastam para levar a operação a termo.” – Cahagnet é considerado um dos precursores do magnetismo espiritualista devido aos experimentos realizados com a médium Adeile Maginot, que notavelmente anteciparam os estudos de Allan Kardec.



Em 1854, o **Barão Karl Von Reichenbach** (encarnado em 1788, desencarnado em 1869), químico famoso, descobridor do creosoto e da parafina pôs-se a pesquisar as pessoas que se afirmavam possuidoras de poderes psíquicos. Dez anos mais tarde, seus estudos resultaram na obra *Pesquisa Sobre Magnetismo, Eletricidade, Luz, Cristalização e Sua Relação Com a Força Vital*, onde afirma ter descoberto a Força Ódica, ou apenas ODILE. O ODILE, afirma, é uma propriedade universal da matéria; os homens são recipientes de ODILE e são iluminados por essa força em especial na

fronte. A Força Ódica é polarizada em positivo e negativo, sendo o primeiro capaz de criar uma luminosidade azul e o segundo uma luminosidade amarela-avermelhada. Desacreditado e ridicularizado em seu tempo, Reichenbach encontraria o respeito apenas cerca de cem anos após sua morte, com o início dos estudos da aura humana e dos campos vitais. Diante das perspectivas abertas por ele, o químico norte-americano George Starr tornou-se o introdutor moderno da cultura cosmo-elétrica em seu país, afirmando ser capaz de aumentar e acelerar o crescimento de plantas, flores, frutas e alimentos de origem vegetal através de um método de energização, que retornaria em benefícios ao ser humano. Posteriormente, o Dr. L. E. Herman, cientista inglês, afirmou após estudos da energia curativa da natureza que esta é polarizada, como afirmara o Barão Reichenbach, sustentando ainda que o pólo direito do corpo é positivo, e o esquerdo é negativo. Ele conseguiu manipular tal energia segurando objetos nas mãos como a fechar um circuito, o que, aplicado as pessoas, desencadeava relaxamento.

No mesmo ano a que o Barão Reichenbach dera início a seus estudos, o professor francês Hippolyte Leon Denizard Rivail – vulgo **Allan Kardec** (encarnado em 3 de outubro de 1804, desencarnado em 31 de março de 1869), pedagogo ilustre punha-se a estudar os segredos do magnetismo, que conhecia desde 1820. Em 1858 escreveu que o magnetismo preparou o caminho da Doutrina Espírita e, o rápido progresso desta se fez graças à vulgarização das idéias da primeira. Dos fatos e fenômenos magnéticos as manifestações espíritas há apenas um passo. Acerca do magnetismo, Kardec concluiu que: o corpo e o perispírito (envoltório semi-material do espírito) são transformações do fluido universal; estando este fluido condensado no perispírito pode reparar o corpo; o agente desencadeador é a



vontade do espírito encarnado ou desencarnado que infiltra num corpo deteriorado ou enfermo parte de seu envoltório fluídico; a cura depende da pureza deste fluido e da força de vontade do agente emissor (espírito); os efeitos da ação fluídica são variados, podendo esta ação ser lenta e contínua ou mesmo rápida, ou ainda instantânea, como se dera com Jesus; a ação magnética pode se produzir de três modos principais: 1º pelo próprio fluido do magnetizador (este é o magnetismo aplicado em seu modo primitivo, como o entendiam a época de Mesmer); 2º pelo fluido do espírito desencarnado, sem concurso de um magnetizador encarnado; 3º pela ação conjunta do espírito desencarnado e do magnetizador encarnado. Kardec acrescentou ainda que a faculdade de curar por influência fluídica é comum e pode ser desenvolvida por exercício, o que veio desmistificar o magnetismo como habilidade milagrosa de poucos eleitos.

HIPNOTISMO, SONAMBULISMO E OUTROS FENÔMENOS CORRELATOS

Diante da revelação da doutrina dos espíritos, pouco pode ser acrescido ao natural método de cura pela magnetização (passe espírita, passe fluídico ou passe magnético). Coube, contudo, a ciência do século XX provar a existência e os fenômenos desencadeados pelo magnetismo animal, praticamente redescobrimo-o e analisando-o a partir do zero (ver kirliangrafia adiante). Para que possamos compreender melhor de que se tratam tais fenômenos e a análise que sofreram, é necessário retornar ao passado, de volta ao Marques de Puységur, discípulo de Mesmer e responsável, como já foi revelado, pela descoberta do Sonambulismo Magnético ou Mesmérico. Esta forma diversa de sonambulismo é, contrário ao que vulgarmente se conhece acerca deste estado natural que apresentam certos indivíduos durante o sono, um estado desencadeado pela magnetização e é, em realidade, uma forma mais profunda de hipnose, este também conseguido através da magnetização. Contudo, não são estes dois os únicos, posto que escolas de pensamento diversas entendiam o hipnotismo a sua maneira. Segundo a Escola de Salpêtrière (liderada pelo Dr. Jean-Martin Charcot (1835-1893)) há o pequeno hipnotismo, que se apresenta em infinitas formas variadas, e o grande hipnotismo, que se apresenta de três modos: a letargia, a catalepsia e o sonambulismo induzido.



Outras escolas, principalmente a de Nancy (assim chamada por haver se originado na cidade de Nancy, onde os doutores Ambroise August Liébeaut e **Hippolyte Bernheim** trataram e curaram cerca de 12 mil pacientes utilizando apenas a hipnose) classificam o sono provocado de modo mais detalhado, e compreende a sonolência simples, o sono ligeiro, o sono profundo, o sono profundíssimo, o sono sonambúlico leve e o sono sonambúlico profundo, onde o indivíduo fica a mercê do operador. Esta experimentação e classificação dos estados mentais induzidos devem parte de sua origem ao cirurgião inglês **Dr. James Braid** (encarnado em 1795 e desencarnado em 1860) que, em 1823 retomou as pesquisas dos mesmeristas que o precederam e conclui, diversamente do que pregavam estes, que a hipnose é produzida pela fixação de um objeto brilhante e dispensa a influência fluídica do



magnetizador. Este novo método ganhou o nome de “Braidismo” e foi acompanhado da descoberta das zonas hipnógenas e da sugestão. Esta última é basicamente uma “força” que parte do agente (magnetizador) e domina de modo absoluto a vontade e ânimo do paciente, e com uma intensidade maior que a própria vontade deste. Uma boa explicação para a sugestão mental ainda não foi encontrada, embora existam várias teorias que se debruçam a tal intento.

Experimentando-se com indivíduos sensíveis, induzindo-os ao sonambulismo, o que se pode observar em termos fenomênicos é a hiper-excitabilidade dos sentidos destes, a transposição destes sentidos, a sugestão hipnótica e pós-hipnótica, a recordação de fatos esquecidos, a repetição exata do que foi captado pela audição – mesmo leituras extensas de textos em línguas desconhecidas –, a identificação de objetos pelo aroma ou a identidade de seu possuidor apenas pelo toque, e a visão de olhos vendados ou a visão de objetos ocultos através de superfícies sólidas – fenômeno conhecido por “dupla vista” ou “criotoscopia”, cujo caso mais impressionante se registrou por volta de 1960, numa cidade da região montanhosa dos Urais chamada Nizhniy Tagil, com a sensitiva Rosa Kuleshova. Rosa era capaz de ler de olhos fechados, utilizando apenas as pontas dos dedos; através deste método também era capaz de identificar as cores dos objetos. Seu médico, Dr. Jopsif M. Goldberg a levou a uma conferência regional da Sociedade de Psicologia ocorrida naquela mesma localidade, impressionando os conferencistas e psicólogos presentes, a maioria russos. “O Enigma de Tagil” como Rosa passou a ser conhecida tornou-se célebre na ex-URSS, Estados Unidos e Europa. O Instituto de Biofísica da Academia de Ciência de Moscou submeteu-a a intermináveis e estafantes testes e experimentações, chegando finalmente a comprovar a autenticidade do fenômeno, sem, contudo, precisar-lhe a origem.



Paralelamente aos trabalhos desenvolvidos pela Escola de Salpêtrière e a Escola de Nancy (Dr. Ambroise August Liébeaut e Dr. Hippolyte Bernheim), o **Cel. Eugène Auguste Albert D'Aiglun De Rochas** (encarnado em 1837 e desencarnado em 1914) afirmava em suas obras que a sensibilidade é capaz de exteriorizar-se, ou seja, no indivíduo magnetizado (hipnotizado ou sonambúlico) os sentidos extrapolam os limites do corpo físico; ao induzir várias pessoas ao sonambulismo, descobriu que a anestesia cutânea inerente não significa perda completa de sensibilidade, estando esta presente em torno do corpo em um série de camadas concêntricas. Se o indivíduo encontrar-se num sonambulismo profundo, forma-se ao seu entorno camadas sensíveis com um intervalo de 6 a 7 centímetros que é o duplo da distância da primeira camada à pele e que podem alcançar de 2 a 3 metros de comprimento. Estas camadas possuem um pólo positivo e outro negativo, podendo-se operar atividades paralelas em ambos os lados do corpo do sensitivo. O Coronel De Rochas levou a cabo experiências fascinantes com esta raríssima manifestação sonambúlica. Certa feita entregou um copo d'água a um sonâmbulo e observou que o tato deste havia se impregnado no líquido que, ao ser tocado desencadeava-lhe reações físicas violentas. N'outra oportunidade, sugeriu ao sonâmbulo que sua sombra reteria seu tato e, oculto as vistas deste, tocou a parede em torno da sombra, sem conseguir nenhum resultado. Mas ao tanger a sombra, o sonâmbulo reagiu demonstrando desconforto.

Outro entusiasta que realizou experiências de exteriorização da sensibilidade foi o Sr. Émile Boirac (encarnado na França em 1851, desencarnado em 1917) foi investigador metapsiquista, reitor da Academias de Grenoble e Dijon, publicou manuais de psicologia, filosofia e pedagogia. Diferentemente do Cel. De Rochas, ele chegou a realizar uma experiência com um sensitivo em estado de vigília, onde reproduziu a exteriorização da sensibilidade com o copo d'água, conseguindo com êxito reações semelhantes aquelas que apresentavam os sonâmbulos. Relatou tal experiência num detalhado artigo que encerra nos seguintes termos: *“Se eu não tivesse visto esses fenômenos, certamente acusaria de impostura aquele que nos relatasse. Decididamente, se esta nova ciência persistir em suas pesquisas, as gerações vindouras verão coisas estranhas!...muito estranhas!”*

As experimentações acerca do magnetismo ganharam um caráter comprobatório diante da figura de Hippolyte Baraduc (encarnado em 1850, desencarnado em 1909) que, além de deixar várias obras publicadas acerca do assunto, inventou um aparelho denominado Biômetro, capaz de mensurar a energia psíquica emitida pelo magnetizador. Tal aparelho é composto de uma agulha de cobre suspensa por um fio de seda, acima de um quadrante numerado, isto tudo disposto no interior de um globo de vidro, ao abrigo de qualquer influência exterior. As irradiações emanadas das mãos de um magnetizador são capazes de sensibilizar a agulha que mede entre 40 e 75 graus, em ambos os sentidos, sendo repelida ou atraída de conformidade com o estado de saúde e ordem de pensamentos deste. No espaço de dez anos, o Dr. Baraduc realizou mais de duas mil experiências que foram capazes de provar, sob rigorosa exatidão a existência, intensidade e graduação desta força magnético/psíquica. Diante da época em que seus estudos e experiências se realizaram, as conclusões a que chegou tornaram-se de importância profunda para a compreensão da bioenergia (magnetismo animal).

Sir Wiliam Crookes (encarnado em 1832, desencarnado em 1919), químico inglês, descobridor do Tálcio, inventor do Radiômetro, do Espintariscópio e do tubo de raios catódicos, além de haver recebido em vida uma dezena de prêmios e condecorações e ter sido aceito em todas as sociedades científicas de seu país, é, também o responsável pelas conclusões mais desconcertantes e as provas mais esmagadoras da sobrevivência do ser após a morte do corpo físico. Mas, outrossim, pode, através de suas experiências encontrar respaldo para a existência do magnetismo animal. A partir de 1869, levou a cabo diversos experimentos com os mais iminentes médiuns de seu tempo, dentre eles o famoso Daniel Dunglas Home. Serviu-se de uma balança mecânica de maior precisão que encontrara e o médium impondo a mão acima de um dos pratos influenciou-o, fazendo o ponteiro registrar cerca de 500g. Esta experiência foi realizada diversas vezes para excluir a possibilidade de fraude.



Em 1872, alguns pioneiros, entre os quais o Dr. John Beattie, conseguiram registrar em filme as irradiações do magnetismo animal. A técnica consistia em, sob completa falta de luz, colocar-se a mão acima de uma placa sensível imersa em banho revelador e, após alguns minutos de exposição, se verificava que esta se achava impressionada. A fotografia, por seu incontestável caráter iconográfico, visual, é dos assuntos mais instigantes das pesquisas psíquicas. Não seria diferente com a fotografia do pensamento, ou escotografia. Seu idealizador foi o Comandante Daget (encarnado em 1849, desencarnado em 1923), um

dos inventores da fotografia, acreditava que o pensamento é uma força exteriorizável; em 1869 concentrou seu pensamento sobre uma chapa sensibilizada e conseguiu registrar nesta a figura de uma garrafa a qual mentalizara. Logrou êxito ainda ao registrar outras imagens utilizando a mesma técnica até que inexplicavelmente este seu dom desapareceu. Outros que se aventuraram na escotografia foram os já citados Cel. De Rochas e Hippolyte Baraduc, em cujas experiências esteve presente a pesquisadora Sra. Felícia Scatcherd que ao estudo da escotografia dedicou 40 anos de sua vida. Recentemente, um dos casos mais famosos de fotografia do pensamento se deu com o sensitivo de Chicago Ted Serios que, na década de 1960, de posse de uma câmera Polaroid fixava o pensamento demonstrando grande esforço físico enquanto um terceiro acionava o diafragma da máquina. Na década seguinte, um caso ainda mais impressionante foi o do japonês Masuaki Kiyota que produzia instantâneos do pensamento com uma câmara cuja lente se encontrava tampada. Não há ainda uma boa explicação para a formação destas imagens.

Outro fenômeno correlato ao magnetismo animal é, certamente, o mais conhecido e antigo deles, a Radiestesia ou Rbdomancia. Tal fenômeno, identificado desde o Antigo Egito, consiste na prospecção da água encontrada em lençóis freáticos subterrâneos através da utilização de uma forquilha de madeira, ou mais recentemente, de um pêndulo. Presente em praticamente toda a tradição cultural do planeta, a Radiestecia possui uma bibliografia imensa, onde se podem destacar os seguintes autores: Conde Kasrl Von Klinckowstroem, Georg Agrícola, Jean Nicolas, Lorrain de Vallemont, Pierre de Touvenel, Sir William Barret e Teodore Bestarman, James George Frazer, Pierre Le Brun, Conde Agénor Gasparin e Catherine Crowe. Era crença corrente entre o povo que a forquilha deveria ser de uma certa árvore para haver o fenômeno, e esta era a aveleira. Mais tarde, todavia, ficou claro que importava mesmo a sensibilidade do rbdomante, e assim o pêndulo foi também adotado. Entre os grandes rbdomantes destacam-se os nomes de Jacques Aymar, considerado o melhor do século XVIII *“era perito em descobrir fontes de água e metais ocultos”*, Barthelmy Bléton, o abade Paramelle que descobriu fontes de água no sudoeste da França, local em que se acreditava não houvesse lençóis subterrâneos, e os ingleses William Stone e Leicester Gataker. A Radiestesia é usada para, além de encontrar fontes de água e metais, diagnosticar doenças. A credence sempre foi acionada para explicar o fenômeno, a maioria creditando-a ao demônio, poucos a Deus. Uma explicação razoável



aventada por Cecil Maby e T. Beford, membros de uma comissão de investigação britânica, diz que há radiações minerais e vitais (onda magnéticas?) que podem ser percebidos por certas pessoas “sensíveis” e que atuam sobre os músculos destes, causando o movimento da forquilha e do pêndulo.

Todos os fenômenos acima descritos e cuja correlação com o magnetismo animal é profunda vem encontrar uma nova luz diante do trabalho realizado por **Semyon Kirlian** e sua esposa Valentina, detentores diretos do legado de Sir William Crookes e Hippolyte Baraduc, que em seu tempo iniciaram com um instrumental próprio as pesquisas de mensuração da força psíquica (magnetismo animal). As pesquisas do casal russo tiveram começo em 1939, em sua cidade natal, Crasnodar, onde Semyon, eletricista, fora

chamado ao Instituto de Pesquisas para consertar um equipamento. Por acaso, viu a demonstração de um aparelho de alta frequência de eletroterapia; repentinamente, observou ele que dos eletrodos ligados à pele do paciente emanavam lampejos de luz de curtíssima duração, e imaginou se os conseguiria fotografar. Pensou que se depositasse uma chapa fotografica entre o eletrodo acima e a o objeto a ser fotografado – sua mão no caso – abaixo, poderia conseguir uma imagem. Estava certo. Observou com entusiasmo a luminescência que emanara de seus dedos impressa na foto. Buscou repetir o experimento com outras técnicas de fotografia sem luz, raios X, infravermelhos e radioatividade sem lograr êxito, deixando claro que seu talento eletrônico seria posto a prova na obtenção de equipamentos novos. Com o auxílio de sua esposa criou todo um novo método de fotografia que alcança 14 patentes. O casal Kirlian descobriu, após fotografar toda espécie de objeto, animado e inanimado, as implicações filosóficas de seu invento. Dir-se-ia que os seres vivos têm dois corpos: o corpo físico que todo mundo pode ver, e o “corpo energético” que eles viam nas fotos de alta frequência que batiam. E mais, o corpo físico parecia espelhar o que ocorria no “corpo energético”, posto que qualquer desequilíbrio apresentado neste último se refletiria no primeiro dentro em pouco. A kirliangrafia foi comprovada pelo Dr. Walter Kilner, que, em Londres afirmou ter visto o mesmo fenômeno que os Kirlian, utilizando lentes especiais coloridas em seu equipamento. De acordo com este, a má saúde, a fadiga, a depressão, os estados de ânimo, enfim, tudo influi nesta aura. Dali a conseguir realizar diagnósticos com a nova técnica foi um passo. Descobriu ainda que certas pessoas podiam mudar pela mera vontade os padrões de cores e formas de sua aura. Recentemente o Dr. Florin Dumistrescus, engenheiro e médico romeno radicado na França, e a maior autoridade mundial em eletroniografia, aperfeiçoou o equipamento de Kirlian de modo a conseguir imagens estáticas ou dinâmicas mais nítidas, em preto e branco ou coloridas, que podem ainda verificar campos energéticos no interior dos corpos, facilitando em muito os diagnósticos das doenças. Em realidade, esta “*janela aberta para o desconhecido*”, como afirmaram os Kirlian, não pode, ainda, ser mensurada pela ciência ou a filosofia.

O que se seguiu às fotografias Kirlian foi uma miríade nova e resplandecente de descobertas incríveis. Em 1968, os Drs. V. Inyushin, N. Vorobev, N. Shouisiki, N. Fedorova e F. Gibadulin anunciaram a descoberta daquilo que batizaram de Corpo de Plasma Biológico, que consiste num corpo energético paralelo ao corpo material formado de átomos e encontrado em toda criatura viva. Afirmaram que a bioluminescência visível nas fotos Kirlian é causada por este bioplasma e não pela eletricidade do corpo físico; observaram ainda que os processos no interior deste corpo energético se dão de maneira diversa daquele do corpo físico, além deste possuir polaridade. Afirmaram também que o bioplasma

do corpo energético é específico em cada organismo, tecido e mesmo molécula. Não apenas os russos, mas cientistas de muitos outros países têm, pressuposto a existência de uma espécie de padrão matricial organizador invisível, inerente a todos os seres vivos. Acaso seria a bioluminescência registrada nas fotografias Kirlian esse corpo organizador? Os experimentadores russos observaram nas fotografias que, embora se extraia parte do corpo físico de um ser vivo, o corpo bioplasmático subsiste, inteiro e visível num campo de alta



frequência. Muitos se perguntaram o que geraria este corpo energético? Seria ele capaz de esgotar-se? Como dar-lhe uma recarga? A resposta, segundo verificaram estes mesmos cientistas russos, é o oxigênio, que converte alguns de seus elétrons excedentes a um certo “quantum” de energia do corpo energético. O hinduísmo sempre sustentou que a respiração carrega todo o corpo de “força vital” ou “prana”, e a Ioga possui exercícios específicos de respiração para manter a saúde. Diante de tais constatações, cientistas da Universidade do Cazaquistão entenderam porque respirar oxigênio ionizado tem um grande efeito medicinal em muitas doenças; o simples borrifo de oxigênio ionizado sobre uma ferida é capaz de acelerar o processo de cicatrização. Estudando os iogues, os cientistas russos observaram que o corpo energético se desprende do corpo físico quando estes estão em estado de transe. Ainda postularam que isto também pode ocorrer com qualquer um que se encontre sob a influência de anestésicos, em estado de coma ou em crises psicológicas profundas. Assim como fez Hippolyte Baraduc quase duzentos anos atrás, os russos conseguiram flagrar o instante em que este corpo de energia deixa o corpo físico no exato momento da morte de uma pessoa; eles testemunharam, por uma câmera Kirlian, fagulhas e clarões oriundos do corpo bioplasmático se arremessando vagarosamente no espaço, *“nadando para longe e desaparecendo”*. Nenhuma área do pensamento humano haverá de ser o mesmo diante da constatação unânime da existência de que somos compostos de não apenas um, mas de dois corpos.

Esta idéia do duplo corpo desenvolveu-se a partir das pesquisas empreendidas pelo professor russo Alexander Gurvitch (encarnado em 1879, desencarnado em 1954), descobridor da radiação mitogênica, uma força que emana dos seres em ondas eletromagnéticas e lhes dá forma. Muitos outros investigadores e cientistas o seguiram neste campo de pesquisa, no que se pode concluir que as células do corpo físico são dirigidas por um campo de biofótons que atua mediante uma coerência espantosa, semelhante à do raio laser. Dentre aqueles que dedicaram suas vidas e intelectos a essa descoberta, destacam-se as figuras do Dr. Hans Driesch (encarnado em 1867, desencarnado em 1941), que foi o primeiro a demonstrar que os organismos vivos são campos de energia; Drs. Colli e Faccini, biofísicos italianos que descobriram em 1954 que várias sementes de plantas irradiam luz, que vai desde o verde ao vermelho do espectro de cores; Fritz Albert Popp, biofísico alemão que na década de 1970 conclui que *“a renovação das células nos homens e nos animais só poderia ser transmitida se existisse uma comunicação operando a velocidade da luz, entre todas as células”*, assim, todas as células são avisadas da morte de



uma célula; e Prof. Kasnatchev, que demonstrou que as células vivas trocam informações biológicas no campo ultravioleta por meio dos fótons. Em suma: ondas eletromagnéticas!

Dr. Wilhelm Reich (encarnado em Dobrzycynica, Galícia austríaca 1897 e desencarnado na penitenciária de Lewisburg, Pensilvânia, EUA em 1957), médico e psicanalista, descobriu uma energia vital a que deu o nome de Energia Orgônica. Ele acreditava que o homem se compõe desta energia e que também o alimento; ela é da cor azul e provém do sol e do ar que respiramos. Afirmou: *“Vivemos em um mundo impregnado de energia universal, primária e onipresente”*. Em suas pesquisas descobriu que a

energia Orgônica é mais intensa em certos indivíduos e, para os que a possuem em menor grau recomendava que se alimentassem de produtos energéticos e fossem habitar em locais abertos, em contato com a natureza, absorvendo as puras energias. Aos que não podiam fazê-lo, inventou seu “Acumulador Orgônico”, a qual deveria o paciente realizar sessões que iam de 15 a 20 minutos, não podendo ultrapassar este tempo. Aqueles que se submeteram ao aparelho sentiram em princípio calor, sonolência e formigamentos. O Acumulador Orgônico é basicamente um armário com 1,50m. de altura, com largura e profundidade que permitam uma pessoa sentada. A entrada possui uma pequena porta guarnecida com uma janela. O exterior é feito de madeira, o interior é de ferro galvanizado e entre estas camadas há um recheio de palha de aço e fibra de vidro. Nos últimos anos de sua vida, Reich buscou estabelecer um confronto entre a energia Orgônica e a Nuclear; acabou por descobrir que ambas são opostas. Experimentou, então, depositar um miligrama de rádioio no Acumulador Orgônico e todo o laboratório ficou contaminado. Ele e seus assistentes adoeceram e após se curarem descobriram-se imunes à radioatividade, o que motivou a criação do projeto ORANUR (Orgon Against Nuclear Radiation), que consistia num processo de imunização a radioatividade. Devido ao uso constante que fizera do seu Acumulador Orgônico para curar seus pacientes, Reich foi denunciado a justiça norte-americana por prática ilegal da medicina. Morreu de ataque cardíaco na prisão, enquanto aguardava julgamento, e suas pesquisas caíram em descrédito e conseqüente esquecimento.

Três anos após a morte de Wilhelm Reich nasceu a Psicotrônica, que consiste na tentativa de sintetizar as pesquisas desenvolvidas por investigadores de todo mundo com o objetivo de estabelecer as conexões entre matéria, energia e consciência. Em 1973, ocorreu em Praga o primeiro Congresso de Psicotrônica, com a participação de biólogos, médicos, físicos, químicos e outros profissionais com a pretensão de a definir como ciência. De base ao que foi exposto ali, o engenheiro tchecoslovaco Robert Pavilita criou um aparelho ao qual chamou de “Gerador Psicotrônico”, que funciona usando por bateria a energia mental de qualquer indivíduo. Jana, secretária deste conseguiu mover a hélice de um cata-vento usando tal aparato. Experiência semelhante foi levada a cabo por outro engenheiro tcheco de nome Julius Krimssky que construiu um “Detector de Energia Psicotrônica”, máquina capaz de demonstrar que a mente influencia a matéria; utilizando-a conseguiu acender uma lâmpada. Há dois tipos de geradores que acumulam energia psicotrônica: os bioenergéticos, como o criado por Robert Pavilita, e os cósmicos, cujas aplicações se imaginam ilimitadas. A Grande Pirâmide de Quéops é apontada como um gerador deste segundo tipo. A câmara do rei, no interior desta, parece ter sido projetada para selecionar uma energia específica denominada “energia concentrada da vida”, ou raio pi, e direcioná-la para o sarcófago real. O pesquisador Christopher Hills, baseado nesta assertiva um tanto fantasiosa criou um aparato denominado “Cofre Acumulador de Energia Orgônica Raio Pi”, que reproduzia a exatidão as condições encontradas dentro da câmara do rei da Grande Pirâmide.

Parece lógico pensar que, a exemplo de todos os outros aparelhos citados até aqui, este também tenha funcionado como se esperava. Mas, nem mesmo este ou qualquer outro foi capaz de causar uma pressuposta revolução científica decorrida da constatação do elemento psíquico/espiritual presente na criatura humana encarnada. Acaso nem Mesmer, Kardec ou Sir William Crookes puderam escapar imunes ao lodaçal dogmático que os homens das Academias sustentaram em seu inquebrantável ceticismo, poder-se-ia pensar que os russos diante da Guerra Fria puderam ter emergido com o coringa de Kirlian a dar as provas que sustentariam as novas bases da ciência que trataria do homem como ser integral formado de matéria e espírito. Mas, não. Nem a fotografia Kirlian e todos os outros avanços

que se sucederam atrás da Cortina de Ferro puderam dobrar o academicismo da mente dos detratores, opositores e cínicos que se acham senhores de toda racionalidade. Todavia, nem mesmo eles são capazes de apagar os fatos e as provas. Não pode a ciência de nosso tempo ainda dar o definitivo parecer acerca do espírito humano, certamente o fará no futuro diante de novos avanços técnicos. Aí, então, descobrirão todos o que foram os milagres do mestre Jesus e os gênios que ao longo dos séculos desvelaram os mistérios da existência do ser humano sobre a Terra.

ÍNDICE FOTOGRÁFICO

Pág. 1 – F1 esquerda – AGRIPPA (Heinrich Cornelius Agrippa Von Nettesheim)

Pág. 1 – F2 direita – PARACELSO (Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim)

Pág. 2 – F1 esquerda – MESMER (Franz Anton Mesmer)

Pág. 3 – F1 direita – MARQUÊS DE PUYSÈGUR (A. M. J. Castenet)

Pág. 3 – F2 esquerda – Barão Du Potet

Pág. 5 – F1 esquerda – Barão Karl Von Reichenbach

Pág. 5 – F2 direita – ALLAN KARDEC (Hippolyte Leon Denizard Rivail)

Pág. 6 – F1 esquerda – Dr. James Braid

Pág. 6 – F2 direita – Dr. Hippolyte Bernheim

Pág. 7 – F1 esquerda – Coronel Eugène Auguste Albert D'Aiglun De Rochas

Pág. 8 – F1 direita – Sir William Crookes

Pág. 9 – F1 esquerda – KIRLIAN (Semyon Davidovich Kirlian)

Pág. 10 – F1 direita – Fotografia Kirlian de uma mão

Pág. 11 – F1 direita – Dr. Wilhelm Reich

BIBLIOGRAFIA

LOUREIRO, CARLOS BERNARDO, Espiritismo e Magnetismo, São Paulo. Editora Mnêmio Túlio, 1997

FILMOGRAFIA

DR. MESMER – O FEITICEIRO, Espiritismo e Magnetismo, São Paulo. Editora Mnêmio Túlio, 1997